

A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM TELENOVELA

THE NOTION OF SOCIAL REPRESENTATION IN SOAP OPERA

Adriana dos Reis Silva
Doutora em Linguística e Língua portuguesa
Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH
(adrianasier@yahoo.com.br)

RESUMO: O presente trabalho constitui-se em uma investigação discursiva à luz da teoria das representações sociais, buscando apreender a racialidade presente em determinadas cenas das novelas **O Profeta** e **Duas Caras** veiculadas pela Rede Globo de Televisão. Tendo em vista que reconhecer as representações advindas das relações de preconceito racial estabelecidas pelos atores ficcionais nos parece algo pertinente para se entender as funções simbólicas e de caráter ideológicos que circulam no âmbito social brasileiro acerca do racismo brasileiro. Diante da extensão do *corpus* delimitamos cenas as quais se destacam o segmento negro das telenovelas em questão. Assim, percebeu-se que as diferentes posições assumidas pelas personagens analisadas em ambos os contextos nos concedem uma ação comunicativa entre sujeitos distintos que possuem valores sociais peculiares, mostrando que o mundo (neste caso o mundo ficcional) pode ser visto e interpretado através determinados pontos de vista, – como, por exemplo, na narrativa televisiva de **O Profeta**, que isso se manifesta a partir do preconceito *versus* a igualdade entre as raças. Por conseguinte, tais contextos ficcionais expõem a discriminação de maneira explícita, o pensamento racial imposto pelas tramas sugere-nos aquele trazido da Europa em meados de 1870, que se instala no Brasil, e o transforma, num ideário que sucumbe ao conservadorismo e autoritarismo de um povo sobre o outro, convergindo para a identificação do sujeito nacional. Logo, a representação social nos permitiu compreender a problemática racial compartilhada pelos sujeitos ficcionais, ‘presentificando’ os valores sociais envolvidos na interação comunicativa proveniente das tramas telenovelísticas.

Palavras-chave: Representação social. Discurso. Racialidade. Telenovela.

ABSTRACT: This study is a discursive investigation in the light of the theory of social representations, seeking to understand the present raciality in certain scenes of both soap operas **O Profeta** and **Duas Caras**, broadcast by Globo TV, having in mind that ,in order to recognize the representations arising from racial prejudice relations established by the fictional actors, it seems to us something relevant to understand the symbolic and ideological character functions that circulate in the Brazilian social context about Brazilian racism. Considering the corpus extension, we have chosen scenes which stand out the black segment of the soap opera in question. Thus, it was noticed that the different positions taken by the characters analyzed in both contexts grant a communicative action between different subjects that have specific social values, showing that the world (in this case the fictional world) can be seen and interpreted through certain points of view - as, for example, in television narrative of **O Profeta**, it is manifested from the bias *versus* equality between the races. Therefore, these fictional contexts expose discrimination in an explicit way; the racial thinking imposed by the plots suggests us that it was brought from Europe in the 1870s, which settles in Brazil, and transforms on ideas that succumb to conservatism and authoritarianism of one people over other people, converging on the identification of national subject. , So the social representation has allowed us to understand the racial problem shared by the fictional subject, bringing up the social values involved in communicative interaction from the television soap opera plots.

Keywords: Social representation. Speech. Raciality. TV Soap Opera.

Introdução

O presente trabalho constitui-se em uma investigação discursiva que busca apreender à luz da teoria das representações sociais a questão do preconceito racial inscrito nos registros discursivos revelados por determinadas cenas das novelas **O Profeta** e **Duas Caras** veiculadas pela Rede Globo de Televisão.

Nesse sentido, nos parece relevante apreender certos discursos oriundos de narrativas televisivas que mostrem a preocupação/despreocupação com o Outro – o negro, o afro descendente, o diferente, aquele que, na reprodução midiática, na maioria das vezes é o ‘maltratado pela corte e seus súditos’, o que não é fada, que representa somente o malévolo, entre outras aparições grotescas.

Refletir, portanto, sobre essa produção fictícia, que dispõe de inúmeros recursos tecnológicos, além de uma sofisticada produção imagética e discursiva, vista por ‘muitos expectadores’, e sobre o tratamento que ela dispensa às questões sociais, mais precisamente, o preconceito acerca da raça negra, tornou-se para nós um trabalho instigante. Trata-se de uma atividade de interesse para diversas áreas do saber, como a Linguística, a Psicologia, a Sociologia, a Comunicação Social, a Antropologia, entre outras, que será exteriorizada, principalmente, sob o âmbito das representações sociais, nesse sentido Jodelet (2001), explica que:

Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva.

Com as representações sociais, tratamos de fenômenos observáveis diretamente ou reconstruídos por um trabalho científico. [...]

Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais. (JODELET, 2001, p. 17).

Partindo do estudo de Grisez (1975) *apud* Abric (2001, p. 156), a noção de representação social vem a ser uma abordagem dos fenômenos que enfatiza a dimensão simbólica, focando a ideia de significação, sem se preocupar com fatores e comportamentos diretamente observáveis.

Jodelet (2001, p. 21) afirma que as representações sociais “são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social”. Desse modo, as

representações são formas de conhecimento que se revelam a partir de elementos cognitivos, como imagens, conceitos, categorias, teorias, etc., contudo, não se reduzem somente ao saber cognitivo (ALEXANDRE, 2004, p. 131). Ainda segundo Alexandre (2004), as representações sociais são elaboradas e compartilhadas socialmente, possibilitando a contribuição da construção de uma realidade singular, e a comunicação entre os indivíduos.

Para Moscovici (2003, p. 61-71), as representações sociais são criadas a partir de dois mecanismos: ancoragem e objetivação. Ancorar e objetivar, para o autor, são respectivamente: “classificar e dar nome a alguma coisa; e descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”.

Assim, reconhecer as representações advindas das relações de preconceito racial estabelecidas pelos atores ficcionais nos parece algo pertinente para se entender as funções simbólicas e de caráter ideológicos que circulam no âmbito social brasileiro acerca da racialidade.

Apresentação do corpus

A novela **O Profeta**¹, baseada no original de Ivani Ribeiro² de 1977, foi produzida pela Rede Globo de Televisão no período de outubro de 2006 a maio de 2007, com 178 capítulos.

A trama se inicia na década 1940. O enredo gira em torno de um grande amor entre os protagonistas, Marcos e Sônia. Todavia, encontraremos também muita intriga, mistério, afinal, trata-se de um protagonista com um dom especial: o de prever o futuro.

Contudo, a narrativa apresenta vários núcleos e cada um com sua devida temática. Logo, para esse estudo, enfatizamos uma cena em que se destaca o segmento negro dessa telenovela, composto por Dedé (personagem negra e empregada da casa de Piragibe) e sua filha Natália (uma mulata). Torna-se interessante esclarecer que Piragibe é o pai de Sônia e eles apresentam uma

¹ Cfe. Portal Teledramaturgia <<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm>> Acesso em: 22 ago. 2007.

² A trama foi escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e Júlio Fischer, colaboração de André Ryoki, Theresa Falcão e Alessandro Marson, com supervisão textual de Walcyr Carrasco, direção de Vinicius Coimbra e Alexandra Boury, e finalmente, direção geral de Mário Márcio Bandarra (núcleo Roberto Talma).

situação social mediana. Já Dedé e Natália são pobres, moram na casa de Piragibe sob a condição servil. Contudo, Piragibe tem um grande apreço por Dedé que é também sua cozinheira.

A novela **Duas Caras**³, também veiculada pela Rede Globo de Televisão, exibiu 210 capítulos entre o período de outubro de 2007 a maio de 2008, e foi escrita por Aguinaldo Silva⁴. Trata-se de uma estória em torno da relação de amor e do ódio entre as personagens Adalberto Rangel e Maria Paula, mas que também apresenta distintos núcleos que se constroem a partir de diversos eixos temáticos. Dessa forma, utilizamos o mesmo procedimento de **O Profeta** nessa novela: focamos uma determinada cena cujo destaque é dado a personagens negros apresentados, tais como, Sabrina (doméstica da casa da família Barreto) e o pai desta moça – Celestino (um afrodescendente). A linhagem dos Barretos se compõe por Barreto, o patriarca, homem rico, advogado, que mora na zona sul do Rio de Janeiro com sua prole - Barretinho, seu filho, que também é advogado; Júlia, sua filha, e a esposa Gioconda, uma mulher elegante e *socialite* ativa.

Convém pontuar que para cada uma das cenas elegidas neste trabalho atribuímos uma designação temática de acordo com o contexto narrativo no qual esta se inscreve. Assim, as cenas a serem analisadas são denominadas como: “O esconderijo” da telenovela **O Profeta**, e episódio da novela **Duas Caras**, foi chamado de – “O suspeito”.

Ressalvamos, ainda, algumas peculiaridades de caráter contextual reveladas pelas personagens que destacamos para esta investigação. Nesse sentido, na telenovela **O Profeta** nos deparamos com a personagem Natália – uma menina que apresenta um comportamento intolerante em relação à mãe – uma afro descendente.

Essa personagem, Natália, é filha de Dedé, uma mulher negra, cozinheira, que trabalha na casa de Piragibe. O pai dessa menina é um homem branco, foragido da polícia, que só aparece no final da trama.

³ Cfe. <<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm>> Acesso em: 26 jun. 2008.

⁴ Além desse autor, *Duas Caras* teve a colaboração de Glória Barreto, Izabel de Oliveira, Maria Elisa Berredo, Filipe Miguez, Nelson Nadotti, Sergio Goldenberg, com direção de Claudio Boeckel, Ary Coslov, Gustavo Fernandes, sob Direção Geral de Wolf Maya - Núcleo: Wolf Maya e cenografia de Ana Maria Mello, Marcelo Carneiro, Maurício Hofls, Kaka Monteiro. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm>> Acesso em: 26 jun. 2008.

Natália apresenta um comportamento diferente em seu convívio social, nos espaços como a escola, ela não aceita ser filha de uma negra e ainda doméstica, termos bem frisados pela menina. Com isso, ela mente para todos dizendo ser filha de uma mulher branca e rica, além de ser neta de Piragibe.

A novela **Duas Caras**, por sua vez, apresenta em seu enredo um núcleo rico composto pela família Barreto. É nesse espaço, que irá emergir o relacionamento inter-racial entre Sabrina (uma negra e doméstica da casa dos Barreto) e Barretinho (rapaz rico, filho do advogado Barreto).

Noção de representação social

Uma forma sociológica de Psicologia Social, afirma Farr (1995, p. 31), é a teoria das Representações Sociais, que teve sua origem na Europa, com o trabalho *Psychanalyse: son image et son public*, realizado por Moscovici (1961). As representações sociais diferem “marcadamente das formas psicológicas de Psicologia Social” que predominam nos EUA, como considera Farr: “Embora, a Teoria das Representações Sociais tenha visto a luz do dia primeiramente durante a era moderna, ela pertence, em termos de ancestralidade, ao solo intelectual de toda tradição ocidental” (FARR, 1995, p. 31).

Para o autor, as representações sociais são oriundas da tradição européia. Ele se apropria da metáfora de Allport⁵ para explicar essa ocorrência. Contudo, diverge em parte dessa construção metafórica,

[...] no caso das representações sociais, tanto a flor como suas raízes, são européias e existe uma similaridade na forma entre a flor (uma forma sociológica de PSICOLOGIA SOCIAL) e a semente da qual ela nasceu (isto é, a sociologia). (FARR, 1995, p. 31).

Entre os estudos das representações coletivas de Durkheim e o mais moderno, de Moscovici, acerca das representações sociais, há uma continuidade visível, assevera Farr (1995, p. 32). Para o autor⁶, Moscovici não produziu sua teoria num vazio cultural. Ele se apoiou nos estudos de Durkheim.

⁵ G. W Allport (1954, p. 3-4) *apud* Farr (1995, p. 31) diferencia “[...] as raízes da PSICOLOGIA SOCIAL [que] se encontram no solo intelectual de toda tradição ocidental e seu florescimento atual [...]” tal como um fenômeno de peculiaridades americanas.

⁶ FARR, 1995, p. 44.

Farr (1995, p. 44) ainda vai dizer que, para Moscovici a noção de representação coletiva de Durkheim narra, ou apresenta, uma categoria coletiva que deve ser explicada num nível inferior – o da Psicologia Social.

Moscovici (2003, p. 45) aponta que as representações coletivas, sob a ótica de Durkheim, envolviam um conjunto de “formas intelectuais”, tais como: ciência, mito, religião, modalidade de tempo e espaço, etc. O autor, sucintamente, descreve que

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”. (MOSCOVICI, 2003, p. 49).

É através desse paradigma que surge, portanto, a noção de representação social de Moscovici, conforme esclarece Farr (1995, p. 44), sendo então, mais conveniente num contexto moderno, estudar as representações sociais do que as coletivas.

Para entender o fenômeno das representações sociais, Moscovici⁷ enfatiza determinadas concepções: as representações sociais devem ser percebidas como uma “atmosfera”, em relação ao indivíduo/grupo e as representações são, em dados aspectos, relativas à sociedade.

[...] do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma “rede” de idéias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias. [...] as representações são sociais, pelo fato de serem um fato psicológico, de três maneiras: elas possuem um aspecto impessoal, no sentido de pertencer a todos; elas são representações de outros, pertencentes a outras pessoas ou a outro grupo; e elas são uma representação pessoal, percebida afetivamente como pertencente ao ego. (MOSCOVICI, 2003, p. 210-211).

As representações sociais são desenvolvidas por Moscovici (2002, p. 02) como entidades quase tangíveis que circulam entre os homens nas relações sociais

⁷ MOSCOVICI, 2003, p. 53.

individuais, ou ainda, “[...] em nosso universo cotidiano, através de uma palavra, um gesto, um encontro⁸.”

Para Jodelet (2001, p. 22), a representação social caracteriza-se por ser uma forma de conhecimento que é socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático, e contribui para construir uma realidade comum em um conjunto social. Trata-se de um objeto legítimo, importante na vida social, que possibilita elucidar os processos cognitivos e as interações sociais. A autora considera ainda que as representações sociais podem ser reconhecidas enquanto sistema de interpretação, regendo nossa relação com o mundo e com os outros. Elas orientam, organizam as condutas e as comunicações sociais.

Segundo tal estudiosa, as representações sociais, se tratadas como fenômeno cognitivo, envolvem a pertença social dos indivíduos, com implicações de afeto e de normas que interiorizam experiências, práticas, modelos de conduta e pensamento socialmente demonstrado ou transmitido por via da comunicação social na qual se envolve. Nesse sentido, as representações sociais

[...] são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade [...] Modalidade de pensamento cuja especificidade vem de seu caráter social. (JODELET, 2001, p. 22).

Por representações sociais, entendem-se ainda, segundo Alexandre (2004, p. 131): formas de conhecimento manifestado através de elementos cognitivos, como, por exemplo, imagens, conceitos, categorias, teorias, mas que não se reduzem somente aos conhecimentos cognitivos. Logo, para o autor as representações são fenômenos sociais que devem ser reconhecidos “a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam”, ou seja, através de seu contexto de produção.

São muitos os elementos que explicam a gênese das representações sociais, embora alguns sejam mais importantes que os outros, havendo aqueles que são essenciais e outros secundários, afirma Franco (2004, p.172). Entre os elementos que merecem ser destacados, estão dois processos sociocognitivos, atuando de maneira dialética, formando, assim, as representações sociais: a

⁸ Tradução nossa: “[...] en nuestro universo cotidiano a través de una palabra, un gesto, un encuentro.”

objetivação e a ancoragem, juntamente com seus respectivos desdobramentos, que são o núcleo central e o sistema periférico.

Nessa perspectiva, a ancoragem diz respeito à introdução “orgânica” do que é desconhecido pelo pensamento já formado, como assevera Spink (1993, p. 306) - “Ancoramos o desconhecido em representações já existentes”. A objetivação consiste na cristalização de uma representação - processo nos quais as noções abstratas transformam-se em algo concreto.

Retomando as ideias propostas por Franco (2004, p. 172), nota-se que a objetivação consolida-se através de um processo figurativo/social, passando a constituir o núcleo central⁹ de uma dada representação, “seguidamente evocada, concretizada e disseminada como se fosse o real daqueles que a expressam”. Já a ancoragem (sistema periférico), segundo a autora, exerce um papel fundamental para os estudos das representações sociais e do desenvolvimento da consciência, à medida que se constitui na parte funcional do núcleo central, além de sua “concretização, mediante apropriação individual e personalizada por parte de diferentes pessoas constituintes de grupos sociais diferenciados”.

Sob a ótica da Análise do Discurso, buscamos apreender as orientações acerca das representações sociais, evocando a perspectiva proposta por Charaudeau & Maingueneau (2006), que refletem sobre as assertivas de L. Marin (1993) sobre esse assunto. Os autores contemplam a noção de representação social a partir da concepção de interdiscursividade e dialogismo proposta por Bakhtin. E assim, atribuem às ‘representações’ três funções sociais:

[...] ‘representação coletiva’, que organiza os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos; de ‘exibição’ do ser social por meio dos rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornam visíveis, de uma ‘presentificação’, que é uma forma de encarnação, em um representante de uma identidade coletiva. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 433).

Essa posição, segundo os referidos autores, gera algumas consequências:

- (i) Logo que as representações constroem, por meio das próprias imagens mentais, uma organização do real que é transmitida por um discurso, elas se incluem no real e até

⁹ Segundo Abric (2003, p. 61) *apud* Franco (2004, p. 174): “[...] a teoria do núcleo central implica uma consequência metodológica essencial: estudar uma representação social é de início, e antes de qualquer coisa, buscar os constituintes de seu núcleo central”.

mesmo são decorrentes do próprio real, configurando, assim, discursos sociais que testemunham, alguns, o saber de conhecimento acerca do mundo, outros, um saber de crenças que encerram sistemas de valores dos quais os sujeitos se favorecem para avaliar a realidade.

(ii) A configuração desses discursos sociais pode se dar de modo explícito e segundo Bourdieu (1979), ‘objetivando-se’ em signos emblemáticos, tais como: bandeiras, pinturas, ícones, etc.; ou de forma implícita, como no discurso publicitário, por alusão.

(iii) Esses discursos de conhecimento e de crença exercem um papel identitário, ou seja, compõem a mediação social, permitindo aos membros de um grupo edificar uma ‘consciência de si’, partindo de uma ‘identidade coletiva’.

Após esses esclarecimentos, passamos à fase de aplicação dessas reflexões em nosso objeto de estudo, ou seja, a questão do preconceito racial nas novelas **O Profeta** e **Duas Caras**.

Discussão e análises

A presente secção busca articular a noção das Representações Sociais às análises oriundas de cenas da novela **O Profeta**, tematizada como “O esconderijo”, e a de **Duas Caras**, denominada “O suspeito”.

Ressalvamos que como estamos trabalhando com narrativas televisivas, tomamos de empréstimo a proposta de Jovchelovitch (2000, p. 148), na qual as representações sociais, assim como as narrativas, buscam fazer daquilo que não conhecemos algo familiar. Para a autora,

Através da objetivação e da ancoragem as representações sociais ligam o ordinário e o extraordinário. Estes processos permitem a organização da experiência de tal forma que esta se torna suportável, compreensível e, acima de tudo, desprovida de ameaças. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 148).

A primeira cena a ser analisada nessa perspectiva é a cena da telenovela **O Profeta** - “O esconderijo”. Este episódio foi ao ar em 24/11/2006 e seu desfecho ocorreu em 25/11/2006. A narrativa mostra uma reunião de pais que acontece na escola na qual Natália estuda.

Num primeiro momento, Natália se esconde dentro de um armário para que seus colegas não descubram quem é sua verdadeira mãe. Na cena do dia posterior, a professora Gilda encontra Natália dentro do armário. Em decorrência, a educadora

percebe que a menina se escondeu porque tem vergonha da mãe, que é negra e doméstica. Observe o diálogo:

<p>Cena 2: "O esconderijo" O Profeta 25/11/2006</p>	<p>((Ao entrar no armário, Natália diz para si mesma:)) (1) Natália: Não saio daqui até minha mãe ir embora... Não quero que descubram que sou filha de uma negra (2) Professora Gilda: Natália... Eu tinha certeza que você estava aí, eu sei por que se escondeu, querida... Eu quero te ajudar! ((Natália olha para ela assustada e sai de dentro do armário.)) (3) Professora Gilda: Eu sei por que você se escondeu, Natália... Para suas colegas não descobrirem que sua mãe é negra, não é isto? Natália, ser negro não é vergonha, pelo contrário, eu tenho tanto orgulho da minha raça!... (4) Natália: A senhora não sabe de nada professora... (5) Professora Gilda: Eu não estou te julgando, meu amor, eu só quero te ajudar... Eu vou levar você ao gabinete da diretora, a sua mãe está lá te esperando, vem... (6) Natália: Eu não quero ir professora, eu não quero ir! (7) Professora Gilda: As crianças e os pais já foram todos embora, só falta vocês duas, vem comigo, vem...</p>
--	--

Quadro 01: Cena: O Profeta

Neste registro discursivo, o processo interacional acontece entre as personagens Natália e Gilda. A ambientação dessa cena se dá através do contexto instituído pela escola, e nesse âmbito, percebe-se a hierarquização social professora/aluna – Natália respeita a professora, contudo, diz não gostar dela¹⁰. De maneira subentendida, percebemos que a personagem Gilda traz consigo tudo aquilo que Natália, naquele momento, mais odeia - ser negro. A professora, em seu diálogo, busca convencer Natália de que a condição de afrodescendente é algo para se ter orgulho, e não motivo para ficar se escondendo. Todavia, a menina não aceita esse argumento e diz para a professora que ela “não sabe de nada”.

A partir da proposição (1) verificamos que ser filho de negro implica discriminação – “Não quero que descubram que sou filha de uma negra.” O enunciado (3), proferido pela professora, por sua vez, mostra que o afrodescendente tem que ter altivez, “orgulho de sua raça” – “Natália, ser negro não é vergonha, pelo contrário, eu tenho tanto orgulho da minha raça...”. De modo implícito, o sentimento trazido por Natália em seus enunciados é de vergonha e autonegação quanto à

¹⁰ Na Cena denominada como “O momento da verdade”, exibida em 18/01/2007, a personagem Natália em uma discussão com a professora Gilda diz claramente: “Eu te odeio professora! Eu te odeio”.

descendência afro-brasileira. Todavia, o dizer da professora Gilda denota a positivação da condição negra.

Assim, o discurso de negação para com a cor negra, apresentado pela personagem Natália, se ancora na ideia da inferioridade do negro em relação ao branco, ideologia assumida em razão dos preceitos etnocêntricos e racistas, presentificados a partir da associação de classificação científica, de ordem e religião, conforme sugere Niro (2003, p. 04), que unidos deflagram no conceito de raça, dado determinante para a segregação racial. Para o autor, a noção de raça é uma criação feita para aquietar a consciência ocidental como justificativa para se escravizar o homem negro africano, além de promover a soberania da Europa. Nesse caso, percebe-se que a representação social evocada por essa personagem se objetiva a partir uma representação social preconceituosa.

A personagem Gilda, por sua vez, revela uma representação social de superioridade/igualdade em relação à raça negra, observe sua fala em (3): “Natália, ser negro não é vergonha, pelo contrário, eu tenho tanto orgulho da minha raça!...”. Representação essa que se constrói a partir de um discurso afirmativo baseado na ideia da igualdade racial.

Por conseguinte, as diferentes posições assumidas por essas personagens nos concedem uma ação comunicativa entre sujeitos distintos que possuem valores sociais peculiares, mostrando que o mundo (neste caso o mundo ficcional) pode ser visto e interpretado através de determinados pontos de vista, – nesta narrativa televisiva manifesta-se a partir do preconceito *versus* a igualdade entre as raças.

Para a segunda análise acerca das representações sociais, trouxemos o episódio de **Duas Caras**, o qual chamamos de “O suspeito”. A exibição dessa cena ocorreu em 12/10/07.

Nesta cena Júlia e Evilásio surgem como os sujeitos da enunciação. A todo o momento, a interação entre eles se dá através das atitudes não-verbais, fato este imprescindível para apreender a representação social a partir de um “conjunto de imagens, dotado de um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar [...]” (COSTA E ALMEIDA, 1999). Nesta perspectiva, este episódio se compõe imageticamente da seguinte maneira:

(i) Júlia aparece dirigindo seu carro pela favela da Portelinha. Ela para o carro, desce e vê que seu pneu está furado. A moça tira do carro os utensílios necessários para trocar o pneu.

(ii) Atrás de uma espécie de porta de aço está o personagem Evilásio, a observar de longe as ações da moça. É nesse instante que Júlia se depara com Evilásio: um rapaz negro, vestindo um colete aberto, com capuz na cabeça, sem camisa por baixo. Além disso, ele faz um gesto como se estivesse colocando em sua cintura uma arma, mas na verdade, era apenas um celular.

(iii) Júlia apavora-se ao perceber que aquele homem ali parado, na espreita, está vindo ao seu encontro. Ela rapidamente entra no carro e tranca as portas. O rapaz bate no vidro do carro da moça, ela responde:

**Cena 1:
“O suspeito”
Duas Caras
12/10/2007**

(1) Júlia: Minha carteira tá:.... Tá vazia! Vai... Vai embora! O meu carro é blindando vai embora! Anda... vai embora!
((Nisto Evilásio pega a chave de roda.))
(2) Júlia: Aí meu Deus, ele vai quebrar o vidro!
((Evilásio troca o pneu do carro de Júlia e ela fica sem saber o que fazer dentro do carro, só observando.))

Quadro 02: Cena: Duas Caras

As assertivas (1) e (2), apresentadas acima, demonstram uma espécie de monólogo enunciado por Júlia (é só ela quem fala, fato este que reflete um pensamento e/ou sentimento que se institui pelos pré-julgamentos e/ou conceitos discriminatórios provenientes do contexto vivido por essa personagem).

Este instante, “sede de produção” do sujeito comunicante, no qual Júlia se apresenta, emerge uma representação social de superioridade, de riqueza e de preconceito. Fato este que se legitima pelo jogo de linguagem individualista e temeroso de Júlia para com o Outro – aqui representado pelo personagem afro descendente Evilásio. Logo, pelos processos da representação social apreende-se que: “objetivar é também condensar significados [...] em uma realidade familiar. Ao assim o fazer, sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida [...]” (JOVCHELOVITCH (1995, p. 82).

Nesse sentido, percebe-se que o comportamento de Júlia, juntamente o seu proferimento (“Aí meu Deus ele vai quebrar o vidro!”) – ela acredita que vai ser roubada, convergem para uma objetivação que se traduz sob o preconceito de

marca¹¹. Que, por sua vez, ancora-se em um senso comum externalizado pela sociedade brasileira de que “negro parado é suspeito, correndo é ladrão”.

Para elucidar ainda mais a posição social desses personagens na trama, observe:

Novela: Duas Caras				
Caracterização				
Personagens	Cor	Ambiente	Espaço	Participação
Júlia	Branca	Condição social abastada/Rica/ Boa conduta moral/Pessoa Agradável	Casa na zona sul do Rio de Janeiro/Favela da Portelinha	Coadjuvante
Evilásio	Negro	Condição social degradante/ Pobre/Boa conduta moral/ Pessoa agradável	Casa/Favela da Portelinha/Casa da família Barreto	Coadjuvante

Quadro 03: Caracterização dos personagens

Nota-se que Júlia e Evilásio são sujeitos que estabelecem uma oposição social, financeira e até mesmo cultural. Evilásio é um rapaz pobre, de origem humilde, mas de bom caráter, que mora na favela da Portelinha. Júlia assume uma personagem rica, da alta sociedade carioca, que vai à favela apenas com o intuito de ajudar um amigo a conseguir uma autorização para fazer um documentário sobre essa favela.

Por outro lado, se pensarmos num contexto social atual, baseado na realidade violenta na qual se vive no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, que é onde se passa a narrativa, iremos imaginar que Júlia agiu de forma a se resguardar. Sob esta ótica, os atos individuais de um sujeito “enquanto manifestações de tendências do grupo de pertença”, explica Spink (1995, p.120), estruturam uma representação social. Nesse sentido, a atitude de Júlia se filia às representações sociais que simbolizam a violência, a desconfiança para com o Outro.

A posição assumida pela personagem de Evilásio revela uma representação social de solidariedade, objetivando-se a partir da atitude responsiva para com

¹¹ Oracy Nogueira (2007, p. 05) considera que: “Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca”.

‘Outro’ realizada por este personagem. Mesmo percebendo que a moça dentro do carro está com medo, Evilásio a ajuda sem pedir nada em troca.

Sendo assim, as representações sociais apresentadas tanto por **O Profeta** quanto por **Duas Caras** são uma forma de mostrar a relação dos personagens com o mundo, bem como de situar essas personagens nesse mundo.

A representação social preconceituosa aparece nas duas telenovelas, mas cada uma num dado contexto. As outras representações, como a de solidariedade trazida por Evilásio em **Duas Caras** e a de igualdade/superioridade racial conduzida por Gilda de **O Profeta**, parecem vir como um meio para contornar a representação preconceituosa para com o negro, ou ainda, amenizar o contexto negativo que esta causa.

Considerações finais

As representações sociais podem ser consideradas, portanto, como uma forma de interação entre o imaginário popular e o contexto social no qual ele acontece, o que garante o lugar social do sujeito no mundo.

Pelo contexto apresentado, percebemos que ambas narrativas expõem o preconceito de maneira explícita, o pensamento racial imposto pelas tramas sugerem-nos ao que foi trazido da Europa em meados de 1870, que se instala no Brasil, e o transforma, o ideário que instaura-se nesse momento é do tipo conservador e autoritário, e assim, a identificação do sujeito nacional.

Logo, a representação social nos permitiu compreender a problemática racial compartilhada pelos sujeitos ficcionais, ‘presentificando’ os valores sociais envolvidos na interação comunicativa proveniente das tramas telenovelistas.

Referências

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Cap. 1. p. 155-171.

ALEXANDRE, M. **Representação social**: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: *Comum*, v.10, nº. 23, p.122-138, 2004. p.131.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, W. A. da; ALMEIDA, Â. M. de O. Teoria das representações sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. In: **Revista de Educação Pública**, UFMT, Cuiabá, v. 007, nº 013, jun./dez., 1999.

FARR, R. M. Representações Sociais: A teoria e sua história. In: GUARESCHI, A. P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. [prefácio Serge Moscovici]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. 1, p. 31-59.

FRANCO, M. L.P.B. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. In: Cadernos de pesquisa. v. 34, n.121, p.169-186, jan./abr., 2004.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Cap. 1. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço, público e representações sociais. In: GUARESCHI, A. P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. [prefácio Serge Moscovici]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. 2. p. 63-85.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NIRO, B. **Race**. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2003.

NOGUEIRA, O. N. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. In: **Revista Eletrônica Scielo - Tempo soc.**, vol.19, n.1, São Paulo, Jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702007000100015&script=sci_arttext&tlng=Directory> Acesso em: 10 mar. 2008.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, A. P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. [prefácio Serge Moscovici]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. 4. p. 117-145.

Recebido em 17 de fevereiro de 2016
Aceito em 01 e maio de 2016